

Editorial

Os *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG* completaram, em 2025, 51 anos de existência, marcados por uma contribuição significativa à divulgação do conhecimento científico produzido em diversas áreas da História Natural. Em seu princípio, a área de Biologia respondia pela maior parte das publicações, posteriormente a área da Arqueologia tornou-se o carro-chefe, especialmente pela atuação e entusiasmo do Professor André Prous, atualmente aposentado, que há décadas atua como editor da revista.

Nesta edição, reunimos publicações que versam sobre plantas medicinais e estudos arqueológicos. Sobre plantas medicinais apresentamos um artigo de revisão do picão-preto, uma espécie da família do girassol, considerada invasora de cultivos, mas muito utilizada na medicina popular. Nele são apresentadas informações sobre os usos, estudos químicos e farmacológicos, e discutidas as possibilidades de cultivo junto à agricultura familiar.

Três artigos tratam de acervos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, os quais colocam em evidência estudos realizados no passado e de certa forma esquecidos, que entendemos ser de extrema relevância acadêmica. Dois deles são traduções dos textos em francês publicados na década de 1980 na França na forma de microfichas pelo Musée de l'Homme, Institut d'Ethnologie. Eles analisam e descrevem as características das pinturas rupestres a partir de calques de dois sítios arqueológicos de Minas Gerais da região da Cadeia do Espinhaço, realizados pela equipe de arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG há mais de três décadas e que não se encontram acessíveis para a comunidade científica brasileira. Os painéis foram integralmente reproduzidos e estão acompanhados de uma análise detalhada das representações encontradas, bem como do contexto paisagístico e topográfico local.

O quarto versa sobre o acervo de artefatos de conchas encontrados junto a abrigos calcários das regiões de Lagoa Santa, Montes Claros e Peruáçu. Nele são descritos mais de uma centena de objetos que fizeram parte do acervo arqueológico parcialmente destruído durante o incêndio que ocorreu no Museu de História Natural e Jardim Botânico em 2020. As informações apresentadas podem ajudar muito no trabalho de catalogação do acervo institucional resgatado, projeto atualmente em andamento.

O quinto texto apresenta um sítio arqueológico descoberto no estado do Ceará, num enclave úmido no semiárido, no qual predominam elementos da tradição cerâmica arqueológica Aratu, com muitos vestígios da cultura material, incluindo evidências sobre cultivo e o consumo de diversas plantas.

Planejamos para as próximas edições, além de continuar publicando artigos na área da História Natural, incluir editores convidados que possam pautar temas atuais sobre Museus, Ambiente e Sociedade. Esperamos, desta forma, regularizar a periodicidade da revista e ao mesmo tempo avançar para uma perspectiva cada vez mais plural e contemporânea, sem perder a essência original para a qual a revista foi criada.

João Renato Stehmann